



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Movimentos Sociais e Serviço Social

Sub-eixo: Movimentos Sociais e lutas de classes - contexto nacional e internacional

OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS E HISTÓRICOS DO SINDICALISMO NO PENSAMENTO MARXISTA

SÂMBARA PAULA FRANCELINO ¹
MIRLANIA LEMOS PEIXOTO ²
ROBERTA ELAINE ÁVILA TABOSA ²
YAN BRENDON NASCIMENTO PEREIRA ²

RESUMO: A presente pesquisa propõe compreender os fundamentos teóricos e históricos da concepção marxista sobre os sindicatos. Para tanto, buscou-se apreender as ideias de Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lenin e Leon Trotsky, sobre o sindicalismo em algumas das suas obras. Como pensadores essenciais na raiz do marxismo, cada um desses autores traz elementos importantes para abordagem dessa temática, seja em textos históricos seja em análises teóricas. A sistematização desse arcabouço teórico é a ponte para entender como esta perspectiva esteve inserida no movimento sindical ao longo da história e quais as contribuições que podem trazer para a reflexão acerca dos sindicatos na realidade atual.

Palavras-chave: Sindicalismo. Luta de classes. Movimentos Operários. Classes Sociais. Marxismo.

1 Professor com formação em Serviço Social. Universidade Estadual Do Ceará

2 Estudante de Graduação. Universidade Estadual Do Ceará

RESUMEN: La presente investigación se propone comprender los fundamentos teóricos e históricos de la concepción marxista de los sindicatos. Por ello, buscamos aprehender las ideas de Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lenin y Leon Trotsky, sobre el sindicalismo en algunas de sus obras. Como pensadores esenciales en la raíz del marxismo, cada uno de estos autores aporta elementos importantes para abordar este tema, ya sea en textos históricos o análisis teóricos. La sistematización de este marco teórico es el puente para comprender cómo se insertó esta perspectiva en el movimiento sindical a lo largo de la historia y qué aportes puede traer a la reflexión sobre los sindicatos en la realidad actual.

Palabras claves: Unionismo. Lucha de clases. Movimientos Obreros. Clases sociales. Marxismo.

1. INTRODUÇÃO

A referência para organização da classe tem lugar cativo no Marxismo desde a sua origem. No atual momento em que o sindicato, como instrumento de luta, não goza de espaço privilegiado no âmbito da academia, ao mesmo tempo que este continua sendo necessário na resistência da classe, se faz urgente voltar os olhos para o legado que o marxismo deixou a respeito dos sindicatos. Mais do que nunca, é essencial estudar, analisar suas experiências e anotar suas principais conclusões, tanto práticas como teóricas.

Não como manual para nossas ações na atualidade, mas para encarar de forma séria os desafios e as responsabilidades que, com ou sem aviso, a história nos deixou. Para não desperdiçar o legado das lutas originárias.

Esse texto visa apresentar uma síntese da experiência do marxismo revolucionário em relação à questão dos sindicatos: eis o nosso objetivo com esse esboço.

Os apontamentos aqui trazidos não serão extraídos de nenhum livro como uma abordagem específica sobre os sindicatos. As ideias aqui expostas são resgatadas de obras

que tratam de questões gerais da realidade social, mas que abordam alguns elementos históricos e teóricos em relação à atuação e processos de organização dos sindicatos.

2. OS FUNDAMENTOS DA CONCEPÇÃO SINDICAL EM MARX E ENGELS

A atuação de Marx e Engels no seio da classe trabalhadora se deu numa época histórica em que os sindicatos acabavam de nascer. Assim os fundamentos teóricos e históricos da concepção marxista sobre os sindicatos já está impressa na obra de Friedrich Engels, “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra” (1844-45). Aí estão traçadas uma profunda reflexão acerca da revolução industrial com suas dramáticas sequelas sociais, a organização da classe operária e os resultados derivados das suas lutas dentre esses os sindicatos.

Assim como analisa a evolução da indústria marcada pela introdução da máquina a vapor e das máquinas de algodão em meados do século XVIII, avalia o desenvolvimento da classe operária.

Estas invenções, que a partir de então ainda foram permanentemente aperfeiçoadas, foram decisivas para a vitória do trabalho mecânico sobre o trabalho manual nos principais setores da indústria inglesa, e toda a história recente desta mostra-nos como os trabalhadores manuais foram sucessivamente desalojados de todas as suas posições pelas máquinas. As consequências disso foram, por um lado, uma queda rápida dos preços de todos os produtos manufaturados, o desenvolvimento do comércio e da indústria, a conquista de quase todos os mercados estrangeiros não protegidos, o rápido crescimento dos capitais e da riqueza nacional; por outro lado, o crescimento ainda mais rápido do proletariado, a destruição de toda propriedade, de toda segurança de emprego para a classe operária, desmoralização, agitação política, e todos estes fatos que tanto repugnam aos ingleses proprietários [...]. (ENGELS, 2008, p.40-41).

Nesse contexto e já no início do século XIX, Engels aborda as relações econômicas a que estão inseridos os trabalhadores ingleses e as condições de trabalho a que estão submetidos, trazendo à tona elementos essenciais para a compreensão do desenvolvimento do capital

Bela liberdade, em que o proletário não tem outra escolha a não ser aquela de aceitar as condições que a burguesia lhe oferece, ou morrer de fome, de congelar até a morte, de dormir nu entre as feras da floresta! Um belo "equivalente", estimado ao bel prazer da burguesia! E se um proletário é tão tolo para preferir passar fome a concordar com as determinações "equitativas" da burguesia, sua "superior natural", outro é facilmente posto em seu lugar; há proletários suficientes no mundo, e nem

todos são tão insanos a preferir morrer a viver (ENGELS, 2008, p. 46).

Engels caracteriza ao apontar a diferença entre o escravo e o trabalhador da indústria se refere ao fato de que este parece ser livre uma vez que “não é vendido de uma vez, mas aos poucos, por dia, por semana, por ano, e por que nenhum dono o vende a outro, mas ele é forçado a se vender”. Assim se constitui não em escravo de uma pessoa particular, mas da classe possuidora.

Como a de qualquer outra mercadoria! Se há muito poucos trabalhadores à disposição, os preços, isto é, salários, aumentam, os trabalhadores são mais prósperos, casam, multiplicam-se, mais crianças nascem e mais vidas crescem, até um número suficiente de trabalhadores estar assegurado. Se há muitos à disposição, os preços caem, surge a procura por trabalho, a pobreza e a fome, e, portanto, doenças, e a "população excedente" é posta fora do caminho. (ENGELS, 2008, p. 49).

A primeira metade do século XIX, caracterizada por uma intensa ampliação do movimento sindical na Inglaterra. Em 1824, a proibição das associações é suspensa e as *trade-union* (associações sindicais) ganham notoriedade em toda Inglaterra. Na obra de Engels estas são vistas como o espaço onde a classe operária agrupava suas forças e assim recebe as primeiras lições sobre classe.

Quando se provou possível e vantajoso, os vários sindicatos de distritos isolados uniram-se numa federação e organizavam em datas fixas assembleias de delegados. Foi feita a tentativa de unir os trabalhadores de um ramo de toda a Inglaterra em um grande sindicato, estas organizações nunca subsistiram por muito tempo. [...] Os meios para obter seus fins são: se um ou mais empregadores recusam-se a pagar o salário especificado pela associação, uma delegação é enviada ou uma petição enviada (os trabalhadores, vê-se, sabem reconhecer o poder absoluto do senhor da fábrica em seu pequeno Estado) se isto se torna inútil, a associação ordena a paralisação do trabalho, e todos os operários voltam para casa. Esta greve é parcial quando um ou vários empregadores do ramo se recusam a regular os salários segundo as propostas da associação, ou geral quando todos se recusam, [...] mas estes meios legais são muito fracos quando há trabalhadores fora da associação, ou quando os membros se separam dela por causa de vantagens momentâneas oferecidas pelo burguês. A burguesia é hábil em leis e tem o poder em suas mãos, a força da associação é quebrada quase sempre pelo primeiro ato ilegal caso haja denúncia. Estes são os meios legais da associação, no caso da greve ocorrer após a expiração de um aviso prévio, o que nem sempre é o caso. (ENGELS, 2008, p. 56-57)

Para Engels (2008), a resistência ativa dos trabalhadores deve conter a avareza da burguesia em certos limites e manter viva a oposição dos operários à onipotência social e política da burguesia, enquanto obriga a admissão de que algo mais do que sindicatos e greves é necessário para quebrar o poder da classe dominante.

Neste caso, a classe proprietária, e especialmente o setor industrial dela, que está em contato direto com os trabalhadores, responde com a maior violência contra estas associações, e tenta provar constantemente sua inutilidade aos trabalhadores, com argumentos que do ponto de vista econômico estão perfeitamente corretos, mais por esta razão parcialmente errados, e para a mentalidade do trabalhador, totalmente inúteis para baixar os salários, mas as mantém como uma arma para ferir seus inimigos, os industriais. Portanto, as greves resultam em pesadas lutas, não decidem nada, mas são a mais forte prova de que a luta decisiva entre a burguesia e o proletariado está chegando. Desta maneira, os sindicatos têm por finalidade que os níveis de salário desçam abaixo da soma paga e que a força de trabalho caia abaixo de seu valor.

Neste viés, para Marx (2008, p. 63), o papel econômico e imediato do sindicato é impedir que os níveis de salário desçam abaixo da soma paga tradicionalmente nos diversos ramos da indústria e que a força de trabalho caia abaixo de seu valor. E para além disso, os sindicatos também adquirem um caráter de mediação entre a classe trabalhadora e a resistência contra o capital, lutando contra desregulações do trabalho que prejudicam a subsistência dos trabalhadores.

Ainda de acordo com Engels, seja na Inglaterra como em qualquer outro país industrial, os sindicatos são indispensáveis à classe operária para lutar contra o capital. Desse modo, o grande mérito dos sindicatos em sua luta pela manutenção desta taxa de salário e pela diminuição das horas de trabalho, é que se esforçam para manter e aumentar esse nível de vida.

Contudo, Engels (2008) afirma que a luta dos sindicatos não limita a lei do salário, pelo contrário, cumpre-se graças a ela. Sem os meios sindicais de resistência, o operário não receberia nem sequer o que lhe corresponde, segundo as leis do trabalho assalariado. Assim, o capitalista teme diretamente os sindicatos, vê-se obrigado a pagar ao operário o valor total de sua força de trabalho no mercado.

Para Marx os sindicatos representavam um momento muito importante na luta de classe trabalhadora pela sua libertação, já que por meio destes pode se identificar enquanto classe em si podendo ser preparada para a batalha futura quando se reconheceria como classe para si. Com isso, Marx frisa que “na luta política de classe contra classe, a organização é a arma mais importante”. (ENGELS, 2008, p. 74).

A submissão econômica do trabalhador é a primeira causa da servidão em todas as suas formas, a miséria social, o embrutecimento intelectual e a dependência política

Engels informa ainda que a fundação tem o dever de se solidarizar autêntica e

efetivamente com essas organizações. A finalidade de toda organização operária: devem modificar sua atitude para com os capitalistas e latifundiários e isso significa que devem modificar toda sociedade. As ligas operárias, e camponeses, as sociedades de socorro mútuo e os sindicatos, as cooperativas de produção e de consumo somente são os meios para alcançar esse fim.

Os sindicatos nasceram dos esforços espontâneos dos operários ao lutar contra as ordens despóticas do capital, para impedir ou ao menos atenuar os efeitos dessa concorrência, modificando os termos do contrato de forma a se colocarem acima da condição de simples escravos.

Os objetivos dos sindicatos, às vezes, estava limitado às necessidades das lutas diárias, as defesas contra a usurpação incessante do capital, em suma, aos problemas de salários e horas de trabalho. Essa atividade não só é legítima como necessária.

Os sindicatos operários devem unir-se em todo país, não generalizar sua ação. Se os sindicatos são indispensáveis nos conflitos entre o trabalho e o capital, são ainda mais importantes como força organizada para suprimir e substituir o sistema de trabalho assalariado.

Se ocupam das lutas locais e imediatas contra o capital ainda não são suficientemente conscientes de tudo o que podem fazer contra o sistema e a escravidão assalariada. Tem-se mantido bastante separado dos movimentos mais gerais e das lutas políticas. Portanto, nestes últimos tempos começaram a se dá conta de sua missão histórica.

Os sindicatos devem atuar como centros de organização da classe operária, com vistas a sua emancipação radical, ajudar todo movimento social e político de igual tendência. Ao considerarem e atuarem como pioneiros e representantes de toda a classe operária conseguiram reagrupar em seu seio todos os que ainda não estão organizados.

As greves conforme declaração do Congresso é uma necessidade na condição atual de luta entre o trabalhador e o capital, devem submeter a certas regras de organização de oportunidade e de legitimidade, nos ramos onde ainda não há sindicatos, criá-los, solidarizar entre si todos os sindicatos, em cada federação local instituir fundos destinados a sustentar os grevistas para que o proletariado entre massivamente nessa associação e assim tenham oportunidade e legitimidade, além de nomear uma comissão de delegados de diferentes sindicatos, e ainda Informe para que fique ciente de seus progressos.

De acordo com (Marx, 2008), na maioria dos casos, os grevistas não necessitam mais de ajuda. Seus próprios fundos ou as coletas que fazem as associações a que estão mais ou menos diretamente filiados provêm sua assistência. [...] A classe operária continua

sendo pobre em meio a um luxo crescente. A miséria material debilita o operário tanto moral quanto fisicamente. A classe operária nada tem a esperar da outra classe. Por isso é absolutamente necessário que defenda sua causa por si mesma.

3. CAMINHOS DO SINDICALISMO EM LÊNIN E TROTSKY

Lênin destaca que, em um movimento de greves é importante considerar o “elemento espontâneo”, sendo este primordial para o desenvolvimento do consciente. O autor resgata que nas décadas de 1870 e 1880, as greves tomaram conta na Rússia que foram acompanhadas da destruição “espontânea” de máquinas. Ele considera que esse primeiro momento foi relevante para o movimento operário ampliar a sua consciência e compreender a luta de classes numa dimensão maior.

Portanto, o autor aponta que as greves são uma expressão da luta do operário e constituíam uma “luta sindical que marcavam o despertar do antagonismo entre operários e patrões; porém, os operários não tinham, e não podiam ter consciência da oposição irreduzível e de seus interesses com toda a ordem política e social existente” (Lênin, 2008, p.110).

E ainda, no texto “Que Fazer?”, nas palavras de Kautsky, Lênin recorda que a doutrina do socialismo surge do progresso da ciência pelos intelectuais burgueses e não da ação da luta do proletariado, e que este conhecimento científico deve ser repassado para o movimento operário, destacando:

[...] toda diminuição da ideologia socialista, todo distanciamento dela implica o fortalecimento da ideologia burguesa. Fala-se de espontaneidade. Mas o desenvolvimento espontâneo do movimento operário resulta justamente na subordinação à ideologia burguesa, efetua-se justamente segundo o programa do Credo, pois o movimento operário espontâneo é o sindicalismo [...], o sindicalismo é justamente a escravidão ideológica dos operários pela burguesia. Por isso, nossa tarefa, a da social-democracia, é combater a espontaneidade, desviar o movimento operário dessa tendência espontânea que apresenta o sindicalismo, de se refugiar sob as asas da burguesia, e atraí-lo para a social-democracia revolucionária [...]. (LÊNIN, 2008, p.114)

E ainda,

Constatamos, assim, que o erro fundamental da “nova tendência” da social-

democracia russa é inclinar-se diante da espontaneidade; é não compreender que a espontaneidade da massa exige de nós, social-democratas, uma consciência elevada. Quanto maior for o impulso espontâneo das massas, mais amplo será o movimento, e de forma ainda mais rápida afirmar-se-á a necessidade de uma consciência elevada no trabalho teórico, político e de organização da social-democracia. (LÊNIN, 2008, p.115)

Lênin (2008, p.116) afirma que deve-se “empreender ativamente a educação política da classe operária, trabalhar para desenvolver sua consciência política”. Na concepção do autor, a formação da consciência de classe é adquirida por meio de ações grevistas, e essa consciência ganha destaque a partir que a classe passa a lutar contra todas as formas de opressão, de violência, de abuso praticado pelo sistema capitalista.

Segundo Lênin (2008),

A consciência política de classe não pode ser levada ao operário senão do exterior, isto é, do exterior da luta econômica, do exterior da esfera das relações entre operários e patrões. O único domínio onde se poderá extrair esses conhecimentos é o das relações de todas as classes e categorias da população com o Estado e o governo, o domínio das relações de todas as classes entre si. [...]. (LÊNIN, 2008, p.118)

Em relação à III Internacional foi apontado diversas ações que destacou a importância dos sindicatos adotar novos métodos de luta contra a ordem vigente, como a adoção de uma política econômica mais combativa contra a ofensiva do capital, a organização das massas revolucionárias, a forte ligação e a união com os partidos, assim constituindo a condição da luta contra o capitalismo.

Além disso, foi apontado pelo autor que a ação direta das massas revolucionárias e suas organizações contra o capital constitui a base da tática sindical. A ação direta está direcionada aos operários ao exercer pressões contra os patrões e o Estado, seja por meio de boicote, greves, ações de rua, demonstrações, ocupação de usinas, oposição violenta à saída de produtos das empresas, levante armado e outras ações revolucionárias próprias para unir a classe operária na luta pelo socialismo.

Lênin (2008), destaca a importância do papel dos sindicatos na luta pela defesa da classe operária:

Os sindicatos revolucionários que lutam para melhorar as condições de trabalho, elevar o nível de vida das massas e estabelecer o controle operário devem constantemente perceber que, no quadro do capitalismo, esses problemas permanecerão sem solução; eles também devem, arrancando passo a passo concessões das classes dominantes, obrigá-las a aplicar a legislação social, colocar claramente as massas operárias diante do fato de que só a derrota do capitalismo e a instauração da ditadura do proletariado são capazes de resolver a questão social.

[...]” (LÊNIN, 2008, p.138).

Como defende (Trotsky, 2009), em relação a IV Internacional ao fazer referência aos erros de princípio do sindicalismo, os próprios pressupostos teóricos apontam para o internacionalismo como ator na construção dos sindicatos ao apresentar as primeiras questões que remontam às contribuições quanto à construção, validação e finalidade destes, como representante principal da força organizacional da classe operária. Em relação aos princípios modeladores contemporâneos do sindicalismo internacional, destacam-se algumas práticas advindas de erros de princípio que seriam pensadas para não reprodução mais à frente, na busca constante por ações revolucionárias em suas mediações.

Conforme relatos do autor no que concerne sua experiência sobre a formação do sindicalismo afirma, “quando cheguei à França em outubro de 1914 encontrei o movimento socialista e sindical francês em um estado de profunda desmoralização chauvinista. Procurando revolucionários, lanterna na mão, conheci Monatte e Rosmer [...] Monatte considerava-se um anarco-sindicalista [...]. Em 1915, Monatte abandonou repentinamente o comitê central da CGT.

Seu afastamento da central sindical significou necessariamente uma divisão. Mas neste momento Monatte acreditava – corretamente – que as tarefas históricas fundamentais do proletariado estavam acima da unidade com os chauvinistas e com os lacaios do imperialismo. Nisso Monatte era leal às melhores tradições do sindicalismo revolucionário. [...] Rosmer, manteve reservas durante muito tempo.

Logo convenci-me que isso estava muito de acordo com as características de Monatte, de manter-se à parte, de esperar, de criticar. Às vezes essa atitude é absolutamente inevitável. Mas como linha de conduta básica converte-se numa forma de sectarismo muito próxima ao proudhonismo, mas que não tem nada em comum com o marxismo”. (TROTSKY, 2009, p.219)

Desta forma é perceptível que embora dotados de ideologias as confederações sindicais mundiais apresentavam em sua formação lideranças e bases sindicais com forte distanciamento, influenciadas ainda por estratégias e orientações ideológicas europeias e norte-americanas advindas do século XIV e da primeira metade do século XX. Em seus relatos o autor informa, “quando o Partido Socialista da França converteu-se em Partido Comunista, tive a oportunidade de discutir frequentemente com Lênin sobre a grave herança que recebera a Internacional com líderes como Cachin, Frossard e outros heróis da Liga

pelos Direitos do Homem, de franco-maçons, parlamentares, carreiristas e charlatães.

[...] Dizia-me Lênin afastar do partido todos esses inconstantes e incluir nele os sindicalistas revolucionários, os militantes operários, as pessoas realmente dedicadas à causa da classe operária. [...] Mas Monatte não somente continua repudiando o parlamentarismo como, até hoje não conseguiu compreender a importância do partido. [...] No IV Congresso conseguimos dar o primeiro passo para limpar o Partido Comunista da França dos franco-maçons, pacifistas e carreiristas. Monatte entrou no partido. É importante assinalar que para nós isso não significava que houvesse adotado uma posição marxista.

A 23 de março de 1923 escrevi no Pravda: “O ingresso de nosso velho amigo Monatte no Partido Comunista significou para nós uma grande alegria. A revolução precisa de homens como ele. Mas seria um erro compensar um *rapprochement* com uma confusão de ideias. Neste artigo criticava o escolasticismo de Louzon sobre as relações entre a classe, os sindicatos e o partido. Em particular explicava que o sindicalismo de pré-guerra fora um embrião do Partido Comunista. [...] poder-se-ia dizer que os argumentos do meu artigo de 1923, caricaturizados, são até o momento a principal ferramenta contra Monatte em mãos de Monmousseau e outros lutadores anti-trotskistas. (TROTSKY, 2009, p. 220-221).

Neste sentido, a perspectiva correta de uma luta favorável ao sindicalismo conforme Trotsky (2009), é uma educação retomada a partir do marxismo que revelam a importância destes estudos para utilidade dos sindicatos nas variadas questões e estratégias contra a burguesia quando desmobiliza a classe trabalhadora em sintonia a seus projetos de desregulamentação e capacidade de ferir a proteção ao proletário e o trabalho o que repercute na organização dos trabalhadores por meio dos sindicatos.

Deste modo, afirma ainda que os sucessos dos últimos tempos provaram, sem sombra de dúvida, que a oposição comunista da França não poderá avançar sem uma clara e precisa definição ideológica da linha do sindicalismo na luta vitoriosa contra revolucionária, [...] as experiências da guerra, da Revolução Russa e do movimento sindical mundial se perderam, deixando apenas um indício nele. [...]. Infelizmente não pude acompanhar, durante os últimos anos, a evolução regressiva de Monatte: a oposição Russa vivia bloqueada. (TROTSKY, 2009, p. 221).

Com relação à unidade nas correlações de forças em uma greve geral, o autor destaca a ruptura do Comitê anglo-russo e a traição do Conselho Geral dos sindicatos britânicos, consequências que se fazem sentir no movimento operário. Que segundo (TROTSKY, 2009), mas a coisa é diferente se se trata da burocracia sindical e de seus líderes. O Congresso Geral não se compõe de famintos e atrasados fura-greves. São

traidores bem nutridos e experientes, que em determinado momento põem-se à cabeça da greve geral para decapitá-la. O mais rápido e seguramente possível.

Para o autor, em todo o mundo, com exceção de um país, o poder está nas mãos da burguesia. Nisso, e só nisso, reside para o proletariado o perigo do poder estatal. A tarefa histórica do proletariado é arrancar das mãos da burguesia este poderosíssimo instrumento de opressão. Lênin alertou em seu testamento contra o abuso do poder revolucionário. A Oposição levou adiante a batalha contra as deformações da ditadura do proletariado desde sua formação, e sem necessidade de pedir nada emprestado ao arsenal do anarquismo. Desta forma o autor cita,

contudo, por outro lado, nos países burgueses a desgraça é que a esmagadora maioria do proletariado não entende corretamente os perigos do estado burguês. Da forma como encaram a questão, os sindicalistas, claro que involuntariamente, contribuem para a conciliação passiva dos operários com o Estado capitalista. Quando os sindicalistas fazem soar nos ouvidos dos operários oprimidos pelo Estado burguês, seus alertas sobre os perigos do estado proletário cumprem um papel puramente reacionário. Os burgueses se apressarão a repetir aos operários: Não toquem no Estado porque é uma armadilha muito perigosa para vocês. Os comunistas dirão. As dificuldades e os perigos que o proletariado enfrenta no dia seguinte à tomada do poder, aprenderemos a superá-los sobre a base da experiência. Mas no presente os perigos mais ameaçadores residem no fato de que nosso inimigo de classe tenha as rédeas do poder em suas mãos e as maneje contra nós. Na sociedade contemporânea há somente duas classes capazes de ter o poder em suas mãos: a burguesia e o proletariado. E ainda, a pequena burguesia perdeu a muito tempo a possibilidade econômica de dirigir os destinos da sociedade moderna. Às vezes, em impulsos de desespero, se levanta para a conquista do poder inclusive de armas nas mãos, como aconteceu na Itália, Polônia e outros países. Mas as insurreições fascistas terminam simplesmente quando o novo poder converte-se ao capital financeiro de um modo ainda mais brutal e descarado. Por isso os ideólogos mais representativos temem o poder estatal como tal. Temem-no quando está em mãos da grande burguesia porque está a asfixia e os arruína. Também o temem quando está em mãos do proletariado porque este arruína suas condições de vida habituais. Finalmente o temem quando está em suas próprias mãos impotentes, porque inevitavelmente passará para as mãos ou do capital financeiro ou do proletariado. (TROTSKY, 2009, p.223-224).

Conforme apresentado nas discussões acima, a resistência é a mais poderosa arma da classe trabalhadora para conter as armadilhas da burguesia em certos limites e dessa forma retrair o caráter hegemônico da burguesia na atuação social e política quando geram o negacionismo sobre as organizações dos sindicatos e greves enfraquecendo e desmobilizando o proletariado.

Para (TROTSKY, 2009, p. 224), os anarquistas que se opõem a todo Estado são, portanto, os representantes mais lógicos, e por isso mais sem esperanças, da pequena burguesia em seu histórico conflito sem saída. Desta forma, o risco mais conhecido é a burocratização. Em que consiste? Se uma burocracia operária esclarecida pudesse levar a

sociedade ao socialismo, ou seja, à liquidação do estado, nos reconciliarmos com semelhante burocracia.

Mas seu caráter é o oposto: ao separar-se do proletariado, ao colocar-se acima deste, a burocracia cai sob a influência das classes pequenas burguesas e pode assim facilitar o retorno do poder às mãos da burguesia [...] para os operários os perigos do estado sob a ditadura do proletariado não são, se os analisa a fundo, mais que o perigo da restauração do poder burguês.

No entanto, o autor informa que nos estados capitalistas observam-se as formas mais monstruosas de burocratismo precisamente nos sindicatos. Basta ver o que se passa na América do Norte, Inglaterra e Alemanha. Amsterdã é a mais poderosa organização internacional da burocracia sindical.

Um marxista dirá: “A burocracia sindical é o principal instrumento da opressão do Estado burguês. É preciso arrancar o poder das mãos da burguesia, portanto seu principal agente, a burocracia sindical, deve ser derrubado”. (TROTSKY, 2009, p.224-225).

Portanto, partindo do pressuposto que há a intermediação da burocracia sindical indiretamente nos operários e no Estado, mesmo não mencionando o Partido Trabalhista, que na Inglaterra, o país clássico dos sindicatos, não é mais que uma transposição política da burocracia sindical, o autor declara que, “O partido Trabalhista e os sindicatos não constituem dois entes: são uma divisão técnica do trabalho.

Juntos formam a principal base de sustentação da burguesia inglesa, à qual não se pode destruir a não ser que se derrube primeiro a burocracia trabalhista. E isso não se consegue contrapondo os sindicatos como tais ao Estado como tal, mas sim mediante a oposição ativa do partido comunista a burocracia trabalhista em todos os campos da vida social: nos sindicatos, nas greves, na campanha eleitoral, no parlamento e no poder.” (TROTSKY, 2009, p.225).

A questão das organizações operárias não é passível de uma solução simples, adequada para todas as formas organizativas e para todas as situações. [...] Para o Partido Comunista todas essas organizações são, sobretudo, um campo propício para a educação revolucionária de amplos setores operários e para o recrutamento dos operários mais avançados. (TROTSKY, 2009, p. 227-228).

Cabe portanto, dentro dessa discussão a cada organização sindical perceber primeiro a amplitude de seus problemas, trazendo como espaço prioritário o sindicato nacional como base para assim ampliar as discussões a níveis mundiais.

Segundo (TROTSKY, 2009), não obstante, todo revolucionário que não tenha

perdido contato com a realidade deve reconhecer que a criação de frações comunistas nos sindicatos reformistas é uma tarefa de grande importância. [...] isso só será possível mostrando que os comunistas não querem dividir os sindicatos, mas que, ao contrário, estão dispostos a todo momento a restabelecer a unidade sindical. Como conciliar, então, uma atitude assim de nossa parte para com as organizações proletárias dirigidas pelos reformistas com nossa caracterização do reformismo como ela esquerda da burguesia imperialista? Isso não é uma contradição formal, mas dialética, ou seja, que surge da própria dinâmica da luta de classes. (TROTSKY, 2009, p.229).

Aqui o movimento da realidade vai para além do cotidiano, pois a teoria marxista é uma crítica às sociedades capitalistas dentro deste movimento, entre pensamento e realidade.

O autor ainda afirma:

Dizemos aos operários não comunistas ou anticomunistas: Hoje, no entanto, confiais nos dirigentes reformistas que nós consideramos traidores. Não podemos nem queremos impor nosso ponto de vista pela força. Queremos vos convencer. Tentemos então lutar juntos e examinemos os métodos e os resultados dessas lutas. Isso quer dizer: total liberdade para formar grupos dentro dos sindicatos unificados em que a disciplina sindical exista para todos. (TROTSKY, 2009, p. 230).

Neste sentido, o autor esclarece que “devemos explicar constantemente essa verdade marxista aos operários de vanguarda. Mas uma perspectiva histórica, mesmo correta, não pode substituir a experiência viva das massas. O partido é a vanguarda, mas em sua ação, especialmente em sua ação sindical, deve ser capaz de voltar-se para a retaguarda”. Devemos demonstrar concretamente aos operários uma, duas, dez vezes se necessário – que está sempre disposto a ajudá-los a reconstruir a unidade das organizações sindicais. E neste aspecto somos fiéis aos princípios essenciais da estratégia marxista a combinação da luta por reformas com a luta pela revolução. (TROTSKY, 2009, p.231).

De acordo com (IASI,1995), para Marx, a forma com que as classes atuam no campo concreto da história, a consciência que representam em cada momento, são fatores determinantes de seu caráter, portanto, a consciência e a ação são, também, fatores que constituem a determinação de classe. Portanto, quando essa consciência é incorporada pelos proletários dentro das organizações sindicais é possível incluirmos a ação de classe sindical em suas determinações.

Portanto, quanto ao ideal marxista a verdadeira política bolchevique deve ter precisamente este caráter de tomar a ofensiva e ser ao mesmo tempo flexível e firme. É a

única forma de preservar o movimento do desgaste, de livrá-lo de formações parasitas e de acelerar a evolução da classe operária para a revolução. (TROTSKY, 2009, p.236).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi abordado, as reflexões de Marx, Engels, Lenin e Trotsky sobre a ótica da experiência do marxismo revolucionário em relação à questão dos sindicatos desenvolve-se trazendo concepções em seu arcabouço teórico sobre a importância dos sindicatos nas lutas de classe. E assim, revelam a importância destes estudos para a análise do contexto atual no qual os sindicatos estão inseridos. As várias questões no que tange à atuação e organização, bem como no que se refere a capacidade de mobilização junto a categoria representada ou classe trabalhadora em geral carecem desses referenciais. Nesse contexto de reestruturação produtiva quando a burguesia lança mão de variadas estratégias para desorganizar, fragmentar e desarmar a classe trabalhadora, em sintonia com o projeto de desregulamentação da proteção ao trabalho, encontrar saídas para o fortalecimento dos trabalhadores e trabalhadoras passa por aprofundar as reflexões nesse universo e sedimentar os estudos com esse legado histórico se faz cada vez mais imprescindível. A crise a qual enfrentam hoje os sindicatos não deve nos conduzir a negação desse instrumento de luta, mas analisá-los à luz de reflexões teóricas, elementos históricos e da totalidade empírica com as alterações impostas pelo capital.

5. REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução: B. A. Schumann. São Paulo: Boi Tempo, 2010.

IASI, Mauro Luis. Capítulo V – O conceito e o "não conceito" de classes em Marx. *In*: _____ . **Ensaios sobre a consciência e emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 99-121.

LENIN, Vladimir. **Que fazer: Problemas candentes de nosso movimento**. Tradução Marcelo Braz. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 109-139.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**: resposta à filosofia da miséria do Sr. Proudhon. Tradução: José Paulo Netto. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 65-68.

_____ et al. *In*: AGUENA, Paulo (org.). **O marxismo e os sindicatos**: Marx, Lênin e Trotsky. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

TROTSKY, Leon. **Escritos sobre o sindicato**. Tradução: Vera Corrêa de Sampaio e Maria Emília Sedeh Boito. 2. ed. Brasília: Nova Palavra, 2009, p. 219-236.

,